

Encruzilhadas por todo percurso: individualidade e coletividade no movimento negro de base acadêmica^{1 2}

Alex Ratts³

Tudo panos, úmido murcho,
como corda antes da música.
Tudo uma roupa vasta que
a mão separando ajunta. fios
de uns e outros misturados,
cada um com seus nomes.
De rito e de longe, de muito
e nenhum recurso. Tudo um risco
para quem torce as costas
no tanque. Como as letras na
impressora antes dos livros.
Tudo roupas para um corpo
que se expande todo braços,
segurando as peças. A quem
atenta são páginas de leituras

Edimilson de Almeida Pereira – *Nos Varais*

A encruzilhada, linha de força, entre individualidade e coletividade, é aqui analisada na constituição do movimento negro contemporâneo, especialmente nos circuitos acadêmicos. Esse aparente antagonismo entre o indivíduo e o coletivo no campo político reside no fato de que o ativismo em movimentos sociais colocou (e talvez ainda coloque) barreiras para a expressão da individualidade⁴, mas que também não se fez (e não se faz) movimento social, nem cidadania, sem indivíduos e sem “individualidades fortes” (SANTOS, 2002). No campo intelectual ativista negro, especialmente na vida acadêmica, esse “dilema”⁵ se apresenta com agudez posto que elementos da individualidade como o pertencimento racial e/ou de gênero são vistos como obstáculos para a construção da objetividade no pensamento científico.

Foram determinados indivíduos, com suas personalidades, que assumiram certos campos de atuação e temas de estudo. O envolvimento com o movimento negro foi bastante amplo para alguns/umas acadêmicos/as. Questionaram a sociedade, a esquerda, os movimentos sociais de classe e de gênero e o próprio movimento negro. Deram novos sentidos ao fazer político social, racial e/ou de gênero. Sabendo do custo de ser negro no Brasil, tornaram-se negros/as ativistas intelectuais. Romperam com o lugar social subalterno, enfrentaram o racismo e/ou o sexismo. No entanto, algumas

¹ Publicado em: In: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (Org.). **Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte-MG: Nandyala Livros e Serviços Ltda, 2009, v. 1, p. 81-108.

² Dedico esse artigo para as/os jovens que formaram em 2004 o Coletivo de Estudantes Negros/as Beatriz Nascimento (CANBENAS) e aquelas/as que dele participam. Mirando-se em outros/as que lhes antecederam, atravessam suas próprias encruzilhadas entre individualidade e coletividade e constroem as rotas da continuidade por dentro e por fora dessa máquina de moer cérebros e corações que é a universidade. Agradeço sobremaneira às contribuições de Matheus Gato de Jesus, Flávia Mateus Rios e Diogo Marçal Cirqueira. Publicado em: PEREIRA, Amauri M. & SILVA, Joselina (Org.) **Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009, p. 81-108.

³ Mestre em Geografia, doutor em Antropologia, professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia e do mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Goiás.

⁴ Para uma breve síntese do conceito de *individualidade* e sua diferença face ao *individualismo* consultar: DAMATTA, 2000, p. 9-10.

⁵ Termo utilizado por Cornel West no artigo *The Dilemma of the Black Intellectual* (hooks & WEST, 2004: p. 131-146)

pessoas de referência neste campo tiveram suas trajetórias interrompidas com a morte em plena maturidade.

Escrevo com base em pesquisa individual⁶ e em leituras de outros/as pesquisadores/as que tratam de trajetórias de ativistas negros/as, agregando-as para problematizar a relação entre individualidade e coletividade, o que envolve a abordagem de um projeto tanto pessoal quanto político. Centrar-me-ei em alguns indivíduos que emergiram no cenário nacional nos anos 1970 e marcaram indelevelmente o movimento negro contemporâneo e o campo de estudo das relações raciais e/ou de gênero na escolha e no tratamento dos temas do racismo (em correlação com outros sistemas de opressão) e da cultura negra.

Em síntese, trabalho em duas direções: 1. A idéia de um movimento negro de base acadêmica com um projeto político; 2. Os dilemas entre individualidade e coletividade, recolocados em outras aparentes contradições, para intelectuais ativistas negros/as. Olhando para as décadas de 1970 a 1980, destacam-se as figuras exemplares de Eduardo Oliveira e Oliveira, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Hamilton Cardoso. Eventualmente menciono outros/as que alcançaram visibilidade pública no mesmo período ou em décadas anteriores, e que também compuseram esse cenário.

Seus percursos indicam a existência de dilemas entre: militância e academia; política e cultura; racismo, sexismo e classismo; movimentos negros e movimentos de base classista ou de gênero; e, de certa maneira, entre vida e morte conquanto se confrontaram com sistemas de interrupção da existência humana que vão desde a desumanização até a eliminação sumária (de indivíduos e coletividades inteiras). Alguns/umas vieram a morrer antes dos 60 anos de idade, por motivo de doença grave, assassinato ou suicídio.

A trajetória de intelectuais críticos de seu tempo e de seus contextos de vida indica questões específicas que podem ser compreendidas igualmente em sentidos coletivos. No caso da formação de "intelectuais negros/as insurgentes" (hooks & WEST, 1991), especialmente aqueles/as vinculados/as ao movimento negro, há questões ligadas à construção de sua individualidade, à opção pela militância, à sua ligação com as comunidades e culturas negras, e, à continuidade de suas trajetórias enquanto acadêmicos/as e intelectuais. Coloca-se a questão da formulação e veiculação de um discurso, enquanto "vontade de verdade" (FOUCAULT, 1999), sendo o/a intelectual aquele "que procura, incansavelmente, a verdade, mas não apenas para festejar intimamente, dizê-la, escrevê-la e sustentá-la publicamente" (SANTOS, 2001). Com um "intelecto inquiridor e profundamente confrontador" (SAID, 2003: p. 29) e portadores de "saberes sujeitados" (FOUCAULT, 2005: p. 11) esses/as intelectuais se confrontaram

⁶ A pesquisa com a trajetória de Beatriz Nascimento resultou em livro (RATTS, 2007) e em um acervo acerca de outros/as intelectuais negros/as e suas produções nos anos 1970 e 1980.

com encruzilhadas e superaram muitas delas “em movimento”, mas nem sempre em consonância com o movimento negro.

Militância X Academia: o movimento negro de base acadêmica

Lélia Gonzalez (1982: p. 18-20) alerta que apesar da pluralidade de grupos, é possível tratar de movimento negro no singular. À semelhança de Taynar de Cássia (2001) que estudou a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Salvador e utilizou a expressão “movimento negro de base religiosa”, trato com a idéia de um “movimento negro de base acadêmica” que se insere numa pluralidade de organizações e grupos sem perder de vista uma concepção e um ideal de unidade⁷.

Nesse sentido, uma face do movimento negro contemporâneo se configura no âmbito das universidades brasileiras com visibilidade restrita. Os exemplos atuais são a formação de coletivos de estudantes ou professores/as negros e a existência da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN) desde o ano de 2000. Nos debates midiáticos em rede nacional acerca das ações afirmativas para estudantes negros/as no ensino superior, especialmente na modalidade de reserva de vagas (cotas), têm aparecido alguns intelectuais ativistas negros.

Nos anos 1970, vários/as jovens negros/as acadêmicos/as buscavam formar grupos de estudo e discussão da questão racial. Alguns núcleos priorizaram a atuação no âmbito universitário a exemplo do Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR), na Universidade Federal Fluminense em 1974 (RATTS, 2007: p. 37). Em São Paulo destaca-se o Grupo de Trabalho de Profissionais Liberais e Universitários Negros (GTPLUN) criado na Escola Paulista de Medicina em 1972 (ANDREWS, 1998: p. 299; SANTOS, 2006: p. 36-7).

O GTAR, fundado pela historiadora Beatriz Nascimento e por acadêmicos/as sobretudo das áreas de Humanidades⁸, realizou por vários anos a “Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira”, que contava com a participação de intelectuais negros/as e brancos/as e tinha como propósito buscar espaço

⁷ Afirmam Goldman & Silva (2008): “Reunir tais coletivos sob a rubrica de movimento negro é possível se levarmos o primeiro termo quase ao pé da letra: grupos e pessoas que se “movem” na direção de uma vida mais digna e criativa. Movimento de resistência, na medida em que se busca escapar de um destino atribuído por uma estrutura social injusta. Nesse sentido, quilombos, movimentos abolicionistas, juntas de alforria, irmandades religiosas, entre outras formas de organização do período escravocrata, são movimentos negros. Do mesmo modo, as várias organizações negras (jornais, clubes de lazer, associações etc.) do período pós-abolição, como a Frente Negra Brasileira, as quais, além de denunciar o racismo, se preocupavam com a educação, a formação profissional, o comportamento social e a autovalorização da população negra buscando sua integração”.

⁸ Em parte oriundo de um grupo de universitários/as negros/as que se reunia no Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Cândido Mendes, que originariam outros coletivos como o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN) e a Sociedade de Intercâmbio Brasil/África (SINBA) (ALBERTI & PEREIRA, 2007: p. 131-148; HANCHARD, 2001: 142-153).

de organização na universidade e de ampliação da abordagem da questão étnico-racial, principalmente nos cursos de Ciências Humanas.⁹

No final de maio e início de junho de 1977, realizou-se a Quinzena do Negro na USP, da qual o principal articulador foi Eduardo Oliveira e Oliveira, então mestrando em Antropologia naquela instituição. O evento contou com debates, conferências, apresentação de filmes e exposição de "objetos afro-brasileiros" em outros locais de São Paulo¹⁰. Para a discussão aqui travada, destaco, no evento, a organização de uma "mesa com estudantes afro-brasileiros", da qual participaram Rafael Pinto e Hamilton Cardoso, e a conferência *Historiografia do Quilombo* proferida por Beatriz Nascimento.

Em vista do que foi apresentado, pode-se considerar que o movimento negro de base acadêmica surge antes de 1978, considerando a fundação do GTPLUN e do GTAR e a presença de jovens negros/as acadêmicos em outros núcleos (CECAN, IPCN, SINBA, etc.). Observa-se a constituição de um lugar de fala e um projeto político que ocorreu em meio a confrontos.

O antropólogo João Baptista Borges Pereira, que transitava entre intelectuais e estudantes negros/as, tendo como horizonte a produção antropológica acerca de populações negras na Universidade de São Paulo, observava em 1981: 1. A problematização da "situação do negro" estava voltada mais a espaços acadêmicos que sociais, os estudos sócio-antropológicos deviam trilhar a escolha de trabalhos socialmente relevantes e que pudessem portar denúncias; 2. O fato de que o discurso sobre a "situação do negro vinha de fora para dentro", o que o autor considerava fruto da composição social da academia em que "o outro" estava fora dela – negros, índios, camponeses, migrantes, operários – e que diante disso, Borges Pereira pensava que seria importante "a ascensão do intelectual preto à cena da pesquisa e da reflexão científicas"; 3. sabendo-se que a produção acadêmica se dirige a um público restrito, o autor pensa que é necessário colocar "o problema de se procurar uma linguagem que, sem comprometer o rigor científico, seja clara e compreensível a não iniciados" (BORGES PEREIRA, 1981: 72-73).

Tomando como marco temporal inicial a proclamação da República e chegando até os anos 1990, o mesmo autor (1999: p. 253) identifica três fases na relação entre academia e militância negra: "a primeira foi caracterizada pela absoluta falta de diálogo entre ambos [1910-1940]; a segunda, pelo estabelecimento de um diálogo, cuja iniciativa coube aos estudiosos [1950-1960]". A fase posterior, que se inicia

⁹ O GTAR também agregou estudantes brancos. Com ele colaboraram os sociólogos Eduardo Oliveira e Oliveira e Carlos Alfredo Hasenbalg, os/as antropólogos/as Manuel Nunes Pereira, Juana Elbein e Ivone (Maggie) Velho, os historiadores Vicente Salles, Décio Freitas e Michael Turner, entre outros/as.

¹⁰ "Quinzena do Negro" inicia com conferências e debates na USP. São Paulo, O Estado de São Paulo, 22/05/1977. A exposição sobre imprensa negra ficou sediada na Pinacoteca do Estado e a mostra de filmes no Museu da Imagem e do Som.

provavelmente, para o Autor, nos anos 1970, é caracterizada pela formação de uma intelectualidade negra militante:

A terceira fase, que é a atual, ganha corpo com o surgimento de uma intelectualidade negra ligada à academia e recrutada de uma classe média, já bem visível, que, independentemente ou não de movimentos organizados, procura manter forte esse diálogo, tomando às vezes a iniciativa, ao defender teses e colocar questões sobre o grupo negro nas agendas dos estudiosos. Nesse tipo de relação militância-academia, o negro deixa apenas de ser o informante de experiências históricas e cotidianas do seu grupo para ser até mesmo o condutor, direto ou indireto, da própria reflexão acadêmica (p. 256).

Parcialmente equivocado no que se refere ao pertencimento de classe de alguns desses ativistas negros acadêmicos, o autor provavelmente se referia inicialmente a indivíduos como Eduardo Oliveira e Oliveira, Rafael Pinto, Lélia Gonzalez, Hamilton Cardoso, Beatriz Nascimento, Joel Rufino dos Santos, Henrique Cunha Jr. e conclui: "Ainda que timidamente já se encontra hoje, o que não ocorria (a não ser excepcionalmente) (...) na segunda fase: um negro que é ao mesmo tempo militante e acadêmico, que pode ser militante por que é acadêmico ou é acadêmico por que é militante" (BORGES PEREIRA, 1999: p. 256).

Paulatinamente, foram se dando essa entrada e especialização de pós-graduandos/as negros/as na universidade brasileira, sobretudo em instituições do Sudeste, tanto públicas quanto privadas. No final da referida década, Kabengele Munanga (1990), tendo em mente a formação de uma identidade negra no Brasil ou de uma negritude afro-brasileira, reflete acerca do discurso da "elite negra militante" e sua relação com o "campo científico-acadêmico". Munanga identifica que essa identidade é política, é ideológica e deve se nutrir não somente de um retorno às "raízes", pela memória, pela cultura, mas também de uma visão do processo histórico, político e social vivido pela população negra. Nesse sentido, para o autor, o cientista social, o intelectual orgânico, se coloca entre memórias vividas e herdadas: "O sentimento de pertencer a determinada coletividade está baseado na apropriação individual desses dois tipos de memórias, que passam, então, a fazer parte do imaginário pessoal e coletivo" (p.113).

A intelectualidade negra habitualmente pensa sua proximidade com as comunidades negras (hooks & WEST, 1991), dentre elas, o movimento negro, e suas próprias interpretações acerca do passado e da situação da população negra. O risco de distanciamento existe em função, de um lado, de uma possível ascensão social, de outro, das exigências de autonomia do pensamento intelectual (SAID, 2003; SANTOS, 2000; SANTOS, 2002a).

Com base em experiência própria de ativismo negro no Nordeste, indico que, nos anos 1980, havia, de uma parte da militância negra, certa dificuldade para com

aqueles/as ativistas que estavam na academia, espaço branco por excelência no sentido de sua composição étnico-racial e da pouca ou nenhuma abertura para tratar de temas relativos à população negra, às relações raciais e à diáspora africana. Percebo que havia o receio do embranquecimento de alguns/umas desses/as ativistas, implicando em afastamento das coletividades negras a que pertenciam, sobretudo aquelas relativas às classes populares. Nesse caso, a oposição entre “movimento de quadros” e “movimento de massa”, habitual entre os círculos da esquerda brasileira, traduzia, de alguma maneira, esse dilema.

Em debate após conferência na Quinzena do Negro, Eduardo Oliveira e Oliveira, utilizou o seu próprio exemplo e o de Beatriz Nascimento para assinalar a questão do afastamento do acadêmico/a e intelectual em face das comunidades negras populares e aponta elementos do caminho inverso, o do manter-se negro e de ter individualidade e reconhecimento no espaço universitário:

Nós temos direito a essa instituição. Sobretudo essa aqui [a USP] que é pública. E o fato de fazer [a Quinzena do Negro] dentro dessa universidade é porque a universidade assume a sua possibilidade de universidade para formar mais negros. Para que se formem como Beatriz, que passou por aqui, para ir ao quilombo, a favela ou seja lá o que for, e dar os seus ensinamentos. Agora, sem uma universidade, sem um crédito, seria até impossível conseguir esta semana aqui, porque eu seria apenas um negro. Hoje, depois de dez anos ou doze de trabalho, já me mandam entrar e sentar, porque eu sou Eduardo Oliveira e Oliveira que tenho um título, que não pretende ser doutor, que não se branqueou, mas que usa disso como instrumento de trabalho para se afirmar como negro e ajudar outros negros a se afirmarem como tal.¹¹

O processo de construção e afirmação da coletividade e da individualidade aí se colocou como necessário. *Tornar-se e ser negro no espaço branco*. Um drama, um dilema, uma encruzilhada.

A (re)iniciação do movimento negro nos anos 1970 foi também o surgimento do movimento negro de base acadêmica. É o marco de um novo ativismo, como também se deu com as mulheres feministas, em geral brancas, que constituíram núcleos de estudos e pesquisa acerca de mulheres, feminismo e/ou gênero nas universidades, sobretudo públicas, em décadas posteriores¹².

Nos anos 1980 e 1990 foram criados Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (ou correlatos) voltados para o estudos do racismo e das relações raciais: CEAB/UCG (1983), NEAB/UFAL (1983), NEAB/UFMA (1985), NEN/UFSC (1986), PENESB/UFF (1995),

¹¹ Transcrição do filme *Ori*.

¹² Uma leitura da oposição entre militantes e pesquisadoras no feminismo brasileiro pode ser vista em: CORRÊA, 2001.

NEAB/UFSCar (1995), e NEAB/UDESC (1995). Estes núcleos, em sua maioria, foram fundados e dirigidos por docentes/pesquisadores(as)/ativistas negros(as)¹³.

Nesse quadro destaque dois eventos que tiveram ampla repercussão:

- 1989 – I Encontro de Docentes, Pesquisadores e Pós-Graduandos Negros, na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus Marília, que contou com a presença de Milton Santos (SANTOS, 2002).
- 1993 – 1º. Seminário Nacional de Universitários Negros (SEUN), realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Esse processo se amplia com a criação de mais NEABs e grupos correlatos, voltados agora para as Ações Afirmativas ¹⁴, e culmina em 2000 com a formação da ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as) ao final do I Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (Recife, UFPE, 2000) e de coletivos de estudantes negros/as em diversas universidades brasileiras.¹⁵

Há poucas análises dos elementos pessoais que compõem a passagem para o ativismo de indivíduos oriundos de segmentos socialmente subalternos (hooks, 1995). As lembranças individuais podem remeter a pessoas ou eventos que inspiraram essa passagem (CONTINS, 2005; ALBERTI & PEREIRA, 2007). A atuação no movimento negro de base acadêmica pode se dar, obviamente, antes, durante ou depois do curso de graduação. Outro ponto é diferença de envolvimento entre ativistas com a chamada “causa negra”. Marcas de individualidade afloram aqui para que não se pense que militantes pensam e agem uniformemente e em uníssono. Ainda que façam escolhas e tenham posturas semelhantes, inúmeras são as maneiras de ser ativista negro/a.

Os/as intelectuais negros/as acadêmicos/as que assumiram carreira docente universitária, desde os anos 1980, e se colocaram como ativistas de um projeto político continuam se defrontando com estas contradições: construir sua autonomia e individualidade versus ser declaradamente ativista ou pertencer ao movimento social negro, construir espaços negros coletivos e (re)aproximar-se das comunidades negras

¹³ Nesse quadro entraram em cena outras *personas* negras, alguns/umas com doutorado, cuja trajetória já merece estudo: Zezito Araújo, Kabengele Munanga, Henrique Cunha Jr., Júlio César Tavares, Helena Theodoro Lopes, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Lourdes Theodoro, dentre outros/as. Muniz Sodré também se insere nesse rol, mesmo não estando vinculado diretamente a nenhum núcleo negro. Clóvis Moura, intelectual e pesquisador de notório saber, esteve, em geral, fora dos círculos acadêmicos formais.

¹⁴ Incluo nesse quadro a formação do Núcleo de Consciência Negra na USP, em 1987, composto por estudantes, mas com a participação de professores e funcionários, que organizava muitos eventos naquela instituição especialmente as “Semanas da Consciência Negra na USP” (<http://ncnusp.hd1.com.br>), e a constituição do Comitê de Cotas para Negros na USP, em 1995, do qual participei com Fernando Conceição, Kelly Adriano de Oliveira, Patrícia Costa, Newman e Amarildo Severo Nascimento, dentre outros/as. O referido Comitê não tem, até o momento, uma memória escrita de suas discussões, atividades e propostas.

¹⁵ Concluem Goldman & Silva (2008): “Mas, desde então [os anos 1960 e 1970], o movimento negro tem se tornado ainda mais plural: **pré-vestibulares para negros**, pastorais afro, associações quilombolas, **núcleos de estudantes negros**, grupos de cultura negra, **núcleos de estudo**, jornais e sites, organizações não-governamentais, hip hop e funk etc.” (grifos meus).

versus fazer carreira individual (mais provavelmente junto aos círculos brancos hegemônicos). É óbvio que seus dilemas não são somente binários e nem se resumem a estas questões.

Todavia, o racismo acadêmico se desdobra na manutenção de uma sub-representação negra nos corpos docente e discente, na resistência às propostas de Ações Afirmativas na educação superior, dentre elas uma política de conhecimento que se volte para as relações entre África e mundo, entre as várias diásporas africanas e a produção intelectual afrodescendente. A descolonização mental/intelectual persiste como um desafio sem uma estratégia única de resposta.

Política X Cultura no movimento negro: dilemas que vêm de longe

É sabido que os anos 1970 constituem-se no período de organização ou reorganização de muitos movimentos sociais sindicatos e partidos políticos¹⁶. Esse é também o período de ampla e profunda urbanização no Brasil e de alterações na vida social, cultural e artística brasileira. No campo da cultura e da arte as transformações já ocorriam nos agitados anos 1960. No entanto, o aparecimento de novos sujeitos – mulheres, negros, homossexuais –, não se restringia ao campo político. A visibilidade de pessoas negras – ativistas ou artistas – não se dá sem referências à sua corporeidade e sem referências à sua bagagem cultural. É possível observar essa construção em filmes como *Ori* de Raquel Gerber, mas também *Fio da Memória* de Eduardo Coutinho e *Abolição* de Zózimo Bulbul.

Naqueles anos, retomava-se também uma discussão das culturas e artes negras: surgem blocos afro, como Ilê Aiyê em Salvador (1974), o Grêmio de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, no Rio de Janeiro (1975), o Centro de Cultura e Arte Negra, em São Paulo (1971) e a aglutinação de poetas e escritores em torno dos Cadernos Negros (1978), também em São Paulo. Todavia, são os Bailes *Black* ou *Soul* acima aludidos, chamados também de *Black Rio* e *Black Belô* (CARDOSO, 2002), que se tornaram um ponto de encontro e articulação da jovem e recente militância negra. A importância desses bailes para muitos militantes negros está registrada em artigos e livros de memórias, entrevistas ou registros de experiências (ALBERTI & PEREIRA, 2007; CONTINS, 2005; SILVA, 1983; GONZALEZ, 1982), incluindo ataques pela mídia (HANCHARD, 2001: p. 134-142).

Em debate após a conferência *Historiografia do Quilombo*, da Quinzena do Negro, Beatriz Nascimento focalizava a pessoa negra que em sua trajetória intelectual acadêmica pode ser levada a se afastar de suas coletividades, principalmente quando há

¹⁶ Ativistas como Lélia Gonzalez (BARRETO, 2005) e Carlos Alberto Medeiros e determinados grupos negros chegaram a ser investigados pela ditadura militar.

ascensão social. Ela utiliza o exemplo dos *bailes black* ou *soul*, espaços identitários para muitos jovens negros, advogando que ali esse distanciamento poderia ser menor:

“Eles não são alienados, eles estão vendo o outro, na medida em que eles estão junto com os outros, não são alienados. Porque o grande drama da gente, a grande tragédia, é justamente a perda da compreensão do nosso passado, a perda do contato com o outro. Isso é fundamental” (NASCIMENTO, 1989).

É exemplar que os/as intelectuais aqui focalizados/as tenham feito mais de uma incursão desse campo da cultura e da arte: Lélia Gonzalez ministrou um “Curso de Cultura Negra no Brasil” no Parque Laje, em 1976 e participou da organização de eventos artísticos negros (GONZALEZ, 1982: p. 40-41); Eduardo Oliveira e Oliveira escreveu com Thereza Santos a peça “E agora falamos nós” do CECAN; Beatriz Nascimento, escrevia textos poéticos, a exemplo dos que compõem a narração do filme Ori (NASCIMENTO, 1989); Hamilton Cardoso também escreveu poemas, alguns deles publicados em Cadernos Negros, e atuou como ator em “E agora falamos nós”.

Longe de ser uma encruzilhada restrita aos ativistas que iniciam sua trajetória política nos anos 1970, a contradição entre política e cultura se coloca de outra maneira para intelectuais militantes que emergiram em período anterior, a exemplo de Abdias Nascimento (1978) que trata o campo das culturas africana e afro-brasileira como um terreno de tensões raciais onde cabem termos como “bastardização”, “estética da brancura” ou “embranquecimento”. Munanga, por sua vez, tratando ainda da construção (política) da identidade negra, indaga: “Poderiam os negros construir sua identidade com base numa cultura já expropriada, e cujos símbolos fazem parte da cultura nacional?” (1990, p. 114). O autor chama a atenção para que a presença branca na cultura negra e, por fim, alerta: “... a defesa da cultura negra não cria nenhum problema quando não é acompanhada da reivindicação política” (IDEM: IBIDEM).

Para quem protagonizava essa cena, a posição face à cultura faz parte de uma questão recorrente, como indica Abdias Nascimento: “Nesse quadro é que acho pertinente uma advertência aos grupos negros que se formam atualmente. É o momento de nos perguntarmos que limites nossa própria cultura, que é manipulada pelo sistema dominante, nos oferece? Temos de ter também frente a ela uma atitude crítica” (NASCIMENTO, 1978).

A interpretação e o posicionamento face às artes, às religiões, às culturas negras, em processo de expropriação e reapropriação, revelaram-se uma pedra de toque para a militância negra. A continuidade da publicação da literatura negra, desde os anos e a profusão de grupos de teatro negro surgidos entre 1971 e 1979, como é o caso de São Paulo (CUNHA JR., 1992: p, 57-62), e a passagem densa por temas como a imagem, o corpo, a religião indicavam que a tensão entre política e cultura, tornou-se sim um

dilema, sobre o qual paira a sombra de um culturalismo (HANCHARD, 2001), mas não um impasse, no ativismo negro, inclusive o acadêmico¹⁷.

Hamilton Cardoso (1987) abordou com acuidade essa questão e a sintetiza:

Na verdade, pode-se dizer, as mudanças provocadas na ideologia da democracia racial são o resultado de um longo processo de lutas, mudanças e acumulação de forças políticas que, apesar de desenvolvidas num ritmo diferente das lutas culturais que, no limite, também são políticas, combina-se e, a partir das conquistas econômicas consolidadas durante a década de 70, chegam a um ponto de encontro (p. 95).

O conceito de negritude, reinterpretado à época, também indicava uma busca e uma proposição no campo do conhecimento e da cultura: “podemos encará-la historicamente: a) como uma realidade objetiva e também historicamente, b) como uma atitude militante” (OLIVEIRA E OLIVEIRA, 1976: p. 08). Outros trabalhavam com a noção de consciência negra (CARDOSO, 1987; 1986).

Cornel West (1991), tendo em mente o contexto estadunidense, propõe que o/a intelectual negro/a insurgente se volte para a experiência de conhecimento e textual dos músicos e religiosos negros para superar os modelos burguês, marxista e foucaultiano cético. O direcionamento às culturas negras, à música e poesia, às artes visuais e plásticas, tornou-se uma parte do percurso seguido ou assinalado por vários/as intelectuais negros/as. A própria construção da corporeidade do/a intelectual negro/a pode ser vinculada aos seus posicionamentos e à produção de significações.

Racismo x Sexismo X Classismo, Movimento Negro X Movimentos de base classista ou de gênero: a pedra de toque do feminismo negro

Nas contradições entre raça x classe ou raça x gênero, emerge a suposta oposição entre movimento negro, movimento de mulheres/feminista e movimentos sociais de base classista. A opção ou não pela vinculação partidária também dividiu ativistas negros. Lélia Gonzalez participou da construção do Partido dos Trabalhadores (PT) e junto com Abdias Nascimento se engajou no Partido Democrático Trabalhista (PDT). Hamilton Cardoso após passagem pela Convergência Socialista, filiou-se ao PT. Não há registros de que Beatriz Nascimento e Eduardo Oliveira e Oliveira tenham se vinculados a partidos ou tendências de esquerda.

A introdução dos temas do sexismo e da mulher negra no movimento negro nos anos 1970 foi-se dando pela contribuição individual e coletiva de mulheres negras. Mais

¹⁷ Para uma retomada do debate acerca da interpretação dessa contradição em Hanchard (2001), ver BAIROS (1996) e HANCHARD (1996).

uma vez Beatriz Nascimento (1976; 1990) e Lélia Gonzalez (1983; 1984; 1988) figuram como pioneiras.

Integrante de uma família de migrantes nordestinos, Maria Beatriz Nascimento, nascida em Aracaju, Sergipe, em 1942, graduou-se em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e trabalhou como professora da rede pública de ensino básico. Lélia Gonzalez graduou-se em História e Geografia (1958) e depois em Filosofia (1962) na Universidade do Estado da Guanabara (atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ) e teve carreira docente em universidades públicas e particulares (BARRETO, 2005: p. 20-21; VIANA, 2006: p. 54).

Em 1979, as mulheres do IPCN criam a Reunião de Mulheres Negras Aqualtune - REMUNEA e aquelas vinculadas ao MNU criam os Centros de Luta Maria Felipa e Luiza Mahin (VIANA, 2006: p. 82). Posteriormente, no Rio, Lélia Gonzalez participa, em 1983, da fundação do NZINGA – Coletivo de Mulheres Negras (BAIRROS, 2000; BARRETO, 2005: p. 23).

É sobretudo nos anos 1980 que artigos e livros emergem trazendo essa temática (CARNEIRO & CURY, 1984; CARNEIRO & SANTOS, 1985; GONZALEZ, 1983, 1984, 1988; MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO, 1988). A tese “Sexismo e Racismo” apresentada no 3º Congresso do Movimento Negro Unificado (MNU) apontava a “questão do machismo negro” e trazia para o primeiro plano a situação de mulheres e homossexuais negros na sociedade brasileira, desigual em termos de classe e patriarcal, mas também para o interior da entidade (MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO, 1988, p. 26-33).

Na tese a idéia de “papéis sexuais” acompanha a discussão sociológica do período, quando se falava pouco ou nada em relações de gênero. Percebe-se ao longo do texto, que a crítica se dirige não somente ao homem negro heterossexual, mas também a mulheres e homossexuais que faziam suas discussões próprias e pessoais, afastando-se da “teoria mais geral” (IDEM: IBIDEM).

No tocante ao Movimento de Mulheres, também denominado como Movimento Feminista, a tese reconhece certo afastamento do MNU desse campo, refere-se à “tríplice opressão da mulher negra” (infere-se que se trata de raça, gênero e classe), destaca o predomínio de mulheres da classe média nesse movimento e termina por apontar que há um potencial de que este atinja todas as mulheres, “sensibilizando as mulheres negras” (IDEM: p. 30).

Estas referências se justificam conquanto reapareceram no discurso de muitos militantes de várias regiões do país quando foram criados os grupos de mulheres negras. No campo do feminismo, o aparecimento político individual e coletivo das mulheres negras também provocou inflexões. Cabe ressaltar que nem todas as mulheres negras ativistas se identificam diretamente como feministas.

Lélia Gonzalez, já nos anos 1970, abordava a situação da mulher negra. Na década seguinte se encontra vinculada ao movimento de mulheres, identifica-se como feminista e é reconhecida como intelectual ativista nesse campo. Gonzalez (1988) chega a propor um feminismo afrolatinoamericano. Cabe destacar, desde o início, a referência direta a homossexuais em seu discurso.

Por sua vez, Beatriz Nascimento, ainda que atenta à situação da mulher negra, não se vinculava diretamente ao movimento de mulheres ou ao feminismo. No meu ponto de vista, Nascimento, mesmo não se definindo como feminista e nem se aproximando dos círculos feministas, pode ser considerada "mulherista". Esse termo é uma tradução de *womanism*, cunhado por Alice Walker (COLLINS, 1999: p.127). Dentre várias acepções, o mulherismo seria: um "feminismo negro" ou "feminismo de cor" que incorpora a bagagem cultural das mulheres negras, especialmente a literatura, e, pode ser também, uma maneira de aproximar as mulheres negras dos homens negros no combate à opressão de gênero, ao contrário do que se imagina acerca do feminismo que seria feito "contra os homens".

Cabe assinalar que nos escritos consultados de Eduardo Oliveira e Oliveira não há referências diretas às relações de gênero ou à questão da sexualidade. O mesmo parece ser verdade para Hamilton Cardoso (CARRANÇA, 2009). Com exceção de textos poéticos em que mulheres aparecem num extremo como divas ou deusas e noutro como auxiliares ou submissas, há um vasto silêncio dos homens negros intelectuais ativistas, que emergiram nos anos 1970 e 1980, acerca desses temas e campos de atuação: a interseccionalidade entre as relações de gênero, o sexismo e o racismo; a sexualidade e a masculinidade negra¹⁸.

Existir x Fenecer: para além de trajetórias interrompidas

Alguns/umas intelectuais ativistas em foco faleceram, como disse, antes de completarem 60 anos: Eduardo Oliveira e Oliveira (1928-1980), encontrado morto por inanição auto-infligida aos 52 anos (GRIN, 2002, p. 204)¹⁹, Lélia Gonzalez (1935-1994), por infarto do miocárdio aos 59 anos, estando anteriormente enferma de Hepatite B (BARRETO, 2005: p. 36); Beatriz Nascimento (1942-1995) assassinada aos 42 anos (RATTS, 2007) e Hamilton Cardoso (1954-1999), por suicídio, em sua terceira tentativa, aos 45 anos (CARRANÇA, 2009).

¹⁸ Há provavelmente aqui uma possibilidade de pesquisa. Entre os poetas ressalto Paulo Colina que focaliza, em geral, com qualidade e delicadeza, a sexualidade e a masculinidade. Destaco também a escrita poética/política de Abdias Nascimento que, por vezes, trata diretamente da mulher negra.

¹⁹ Mônica Grin (2002), no artigo que compara os suicídios de Stefan Zweig e Eduardo Oliveira e Oliveira, por ela identificados respectivamente como judeu e mulato, relaciona suas mortes em grande parte e não sem razão, a "deslocamentos identitários" e "desencontro civilizatórios". No caso de Oliveira e Oliveira, a recusa da condição de "mulato" ou "mestiço" provocaria esse descompasso no país do "conforto da ambivalência", onde a mestiçagem é tratada como valor positivo.

Em 2000, a expectativa de vida dos/as brasileiros/as era de 70,4 anos, sendo 66,7 para os homens e 74,3 para as mulheres. Em 1980, esses números, bem mais baixos, eram de 62,7 anos para ambos os sexos, 59,6 anos para homens e 66, para mulheres. Os dados para negros em geral e para homens negros e mulheres em específico mostram uma expectativa de vida bem mais baixa²⁰. Na vida acadêmica a aposentadoria compulsória é posta para os homens aos 75 anos e para as mulheres aos 70 anos, um pressuposto de maior longevidade que no restante da sociedade.

Entre os anos 1950 e 1980, Carlos Moore (2008) aponta a morte por assassinato de 35 intelectuais e políticos africanos comprometidos com o processo de descolonização dos países do continente. O autor denomina esse processo de “decapitação da África” e questiona: “poucas pessoas imaginam o desastre que pode ser para um povo o assassinato de líderes excepcionalmente brilhantes, intrépidos, qualificados, honestos e dedicados à causa da justiça social. Não se imagina o enorme tempo, assim como também o enorme investimento que requer a produção de semelhantes lideranças” (p, 55-56).

O lingüista, Roman Jakobson (2006), ao abordar a morte de seu amigo e contemporâneo Vladimir Maiakovski, percebe que em poucos anos, vários poetas russos tinham morrido por trabalhos forçados, assassinato ou suicídio na idade de 30 a 40 anos. Jakobson destaca ainda a relação de descompasso entre esses poetas e a sociedade política que se constituiu na Rússia socialista. O autor busca fugir dos comentários banais, de aparente surpresa, com o suicídio de Maiakovski (1893-1930), e trata o enfrentamento do poeta com a vida cotidiana, seu afã pelo futuro e o prenúncio do suicídio nos poemas.

Nesse sentido, nenhuma dessas mortes de artistas e/ou ativistas é somente fatalidade. De qualquer modo, qualquer traço comum não me autoriza a estabelecer uma tendência que as preveja. O que importa para essa discussão é dimensionar a perda que se tem para as coletividades e gerações às quais estas pessoas pertenciam e às que lhes sucederam (JACOBSON: 2006, p. 51-52).

Cabe dizer que Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Eduardo Oliveira e Oliveira e Hamilton Cardoso tiveram uma produção voltada para o estudo das relações raciais e da população negra, alcançaram certa visibilidade no meio político e/ou acadêmico, mas foram relativamente esquecidos como autores/as nos anos 1990 e na primeira metade dos anos 2000. Primeiro, observa-se a interrupção de suas carreiras acadêmicas,

²⁰ “Em 1950, os brancos tinham uma expectativa de vida de 7,5 anos a mais do que os negros. Mais de meio século depois, apesar de ambos os grupos terem aumentado seu tempo de vida, a diferença entre eles não foi muito alterada: de 7,5 anos para 5,3” (PNUD, 2005). O *Atlas* mostra que, apesar de a expectativa de vida ser maior entre as mulheres do que entre os homens – fenômeno que se verifica em todo o mundo –, no Brasil há particularidades entre os grupos raciais. Por exemplo, em 2000 as mulheres brancas tinham uma esperança de vida ao nascer de 73,8 anos, enquanto as mulheres negras esperavam viver, em média, 4,3 anos a menos. Elas também estão muito próximas da situação dos homens brancos (69,52 e 68,24, respectivamente), quase quebrando uma tendência histórica da demografia de maior esperança de vida feminina” (IBGE, 2003).

conquanto nenhum/a deles/as cursou o mestrado²¹ e somente Lélia Gonzalez tornou-se professora universitária e chegou a ser diretora de um departamento acadêmico. Segundo, pode-se considerar a recusa na academia ao seu discurso marcado pela postura militante. Terceiro, pode-se apontar a dificuldade de acesso às suas produções bibliográficas, muitas delas publicadas em periódicos ou livros com edição esgotada.

Sem concluir por somente um desses aspectos, cabe pensar nas barreiras encontradas pelos/as ativistas que são ou querem ser tornar acadêmicos/as, caminho desejado e trilhado por Eduardo, Lélia, Beatriz e Hamilton. Ter existência prolongada na academia é escrever, ser lido, pesquisar, cursar a pós-graduação e, se for possível, tornar-se professor/a, orientador/a, ou seja, contribuir para “gerar” outras vidas nesse campo. Pensando em quem tinha potencial e desejava aí continuar, o contrário disso, é, de certo modo, morte, e certamente “epistemicídio”, ou seja, a negação ou eliminação de formas de conhecimento (CARNEIRO, 2005). É essa perda que se tenta aquilatar e se reclama.

Encruzilhadas no percurso: individualidades e coletividades fortes em movimento

A perda de Eduardo Oliveira e Oliveira, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Hamilton Cardoso, dentre outros/as²², em plena maturidade pessoal e no início da presença negra mais coletiva no meio acadêmico, indica a imperiosa necessidade de cultivar o terreno das individualidades e subjetividades, para que se dimensione adequadamente o tamanho das tarefas a que nos propomos e as condições pessoais e coletivas de sua realização. Como disse acima, esse/as intelectuais ativistas foram, de certo modo, esquecidos em vida como autores e autoras pela academia, principalmente por indivíduos e grupos hegemônicos que os conheceram. Cabe observar que Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento são raramente lidas nos debates contemporâneos acerca de gênero e/ou feminismo, com exceção de pesquisadoras(es) negras(os).

No entanto, não é de lembranças amargas ou dolorosas que se precisa, como também não é de glamorização destas *personas*. Costumo dizer que a melhor homenagem a elas é a leitura de seus textos, com a vivacidade que apresentam, com a contundência e profundidade da qual são portadores.

Focalizando o movimento negro no Rio de Janeiro e em São Paulo nos anos 1980, Michael G. Hanchard (2001), trata de “sectarismo” e da falta de objetivos de alguns

²¹ Beatriz tentou duas vezes. Na primeira vez, essa tentativa foi concomitante a transtornos psíquicos que em muito lhe prejudicaram. Na segunda vez, ainda considerando o quadro mencionado, havia cursado disciplinas e era orientanda de Muniz Sodré na ECO-UERJ quando foi assassinada. Eduardo cursava o mestrado em Antropologia na USP quando foi encontrado morto.

²² No final de 2008, a psicanalista Neuza Santos Souza cometeu suicídio e os poetas Oliveira Silveira e Jônatas Conceição da Silva faleceram, ambos aos 57 anos e com câncer no início de 2009.

grupos negros existentes no Rio de Janeiro e em São Paulo. No entanto, a idéia de um projeto político pode ser encontrada em diversos discursos e trajetórias de pessoas e grupos especialmente aqueles ligados à educação superior.

Esse projeto foi, em grande parte, vitorioso: a constiuição do movimento negro em todo o território nacional; a contundente e densa reflexão acerca do racismo e da raça em múltiplas escalas e aspectos; a introdução do debate acerca da história e cultura africanas e afro-brasileiras se estendendo para uma política de conhecimento que incorpore as sociedades africanas e da diáspora; as reflexões e proposições acerca de Zumbi, dos quilombos e do Dia Nacional da Consciência Negra; a reintrodução do significante negro como termo positivo, desde a auto-identificação individual até à qualificação dos núcleos e dos temas de estudo²³; e, a formação de pesquisadores/as negros/as nos níveis de graduação e pós-graduação e sua devida instalação na universidade brasileira, etc..

Há muito os sujeitos negros não são "infantes", sem fala, como questionava Lélia Gonzalez (1983). No entanto, ainda são poucas as condições favoráveis para produzir e reproduzir o discurso intelectual negro. A maior parte dos/as acadêmicos negros/as não detém os recursos para a pesquisa e divulgação da nossa produção na mesma escala em que ela é realizada.

Após décadas do surgimento do movimento negro de base acadêmica continua-se pugnando pelo direito à universidade e por outras interpretações da formação social brasileira que não sejam apenas variações do mito da democracia racial. Os eventos têm outro porte, outro alcance. Autoras e autores negros publicam, são lidos, pesquisam, orientam, interferem com qualidade em algumas políticas acadêmicas, mas ainda se concentram em determinadas áreas do conhecimento, especialmente as Humanidades. Após mais de trinta anos depois repetimos: "Nós temos direito a essa instituição". No entanto, o horizonte foi alargado por intelectuais insurgentes que nos antecederam e atravessaram as encruzilhadas das rotas acadêmicas militantes.

Bibliografia

ALBERTI, Verena & PEREIRA, Amilcar Araújo (Org.) **Histórias do movimento negro no Brasil**: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas/CPDOC-FGV, 2007, 528p.

ANDREWS, George. **Negros e brancos em São Paulo** (1888-1988). São Paulo: EDUSC, 1998.

BAIRROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. **Afro-Ásia** 23, 2000: p. 341-361.

_____. ORFEU E PODER: uma perspectiva afro-americana sobre a política racial no Brasil. **Afro-Ásia** 17, 1996: p. 173-186.

²³ Para demonstrar a divergência, emergida de um terreno comum, como se vê na autobiografia de Joel Rufino dos Santos (2008) e suas críticas à noção de raça e à interpretação do mito de Zumbi.

BARRETO, Raquel. **Enegrecendo o feminismo ou feminilizando a raça**: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez. Dissertação de mestrado em História. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005.

BORGES PEREIRA, João Baptista. As Relações entre a Academia e a Militância Negra In: BACELAR, Jeferson e CAROSO, Carlos (Org.) **Brasil: um país de negros?** Rio de Janeiro: Pallas / Salvador: CEAO, 1995, p. 253-257.

_____. Estudos antropológicos das populações negras na Universidade de São Paulo. **Revista de Antropologia**, Nº. 24, 1981, p. 63-74.

CARDOSO, Marcos. **O movimento negro em Belo Horizonte: 1978-1998**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

CARDOSO, Hamilton. Limites do confronto racial e aspectos da experiência negra no Brasil. In; SADER, Emir (Org.) **Movimentos sociais na transição democrática**. São Paulo: Cortez, 1987, p. 82-104.

_____. O resgate de Zumbi. São Paulo, Lua Nova Nº. 8, Vol. 2. No. 47, out/dez, 1986, p. 63-67.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de mestrado em Filosofia da Educação. São Paulo: USP, 2005.

CARNEIRO, Sueli & CURY, Cristiane. O poder feminino no culto aos orixás. *Afrodíaspóra* 1(3): 157-179.

CARNEIRO, Sueli & SANTOS, Thereza. Mulher Negra. In: CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza & COSTA, Albertina Gordo de Oliveira Costa. **Mulher negra/política governamental e a mulher**. São Paulo: Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985, p. 1-54.

CÁSSIA, Taynar de. Movimento negro de base religiosa: a Irmandade do Rosário dos Pretos. Salvador, **CADERNO CRH**, n. 34, jan./jun. 2001, p. 165-179.

CARRANÇA, Flávio. **Hamilton Cardoso**: militante, jornalista, intelectual. 2009 (no prelo).

COLLINS, Patricia Hill. What's in a Name: Womanism, Black Feminism, and Beyond. In: TORRES, Rodolfo D., MIRÓN, Louis F. & INDA, Jonathan Xavier (Ed.) **Race, identity and citizenship**. London: Blackwell, 1999, p. 126-137.

CONTINS, Márcia. **Lideranças negras**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: uma leitura pessoal. **Cadernos Pagu** 16, 2001, p. 13-30.

CUNHA JR., Henrique. **Textos para o movimento negro**. São Paulo: EDICON, 1992.

DAMATTA, Roberto. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana**. v. 6, n. 1, 2000, p. 7-29.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1997].

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1999 [1970] (5ª. Ed.).

GOLDMAN, Marcio & SILVA, Ana Claudia Cruz da. **Os muitos movimentos negros**. São Paulo, Folha de São Paulo, 23/11/2008.

GONZALEZ, Lélia. *Por un feminismo afrolatinoamericano*. Santiago, Revista **Isis International**. Vol. IX, junio, 1988, p. 133-141.

_____. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel (Org.) **O lugar da mulher**: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 87-104.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. São Paulo, ANPOCS, **Ciências Sociais Hoje**, 2. ANPOCS, 1983, p. 223-244.

_____. O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia & hasenbalg, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982, p. 09-66.

GRIN, Mônica. Modernidade, identidade e suicídio: o "judeu" Stefan Zweig e o "mulato" Eduardo de Oliveira e Oliveira. **Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro 2002, p. 201-220.

GUIMARÃES, Vera Aparecida Lui & HAYASCHI, Maria Cristina P. Innocentini. **Inventário analítico da coleção "Eduardo de Oliveira e Oliveira"**. São Paulo, Arquivo de História Contemporânea UFSCar, 1984.

HANCHARD, Michael. **Orfeu negro e o poder**: movimento negro no Rio e São Paulo (1945-1988). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____. Resposta a Luiza Bairros. **Afro-Ásia**, 18, 1996: p, 227-233.

hooks, bell & WEST, Cornel. **Breaking Bread: Insurgent Black Intellectual Life**. Toronto: Between the Lines, 1991.

hooks, bell. Intelectuais negras. Rio de Janeiro, **Revista Estudos Feministas** v. 3 n.2, p. 464-478,1995.

IBGE. **Projeção da população do Brasil**. Parte 1. Níveis e padrões da mortalidade no Brasil à luz dos resultados do Censo 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/2003/metodologica.pdf>

JAKOBSON, Roman. **A geração que esbanjou seus poetas**. São Paulo: Cosac Naif, 2006 [1931].

MNU (MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO). **1978-1988**: 10 anos de luta contra o racismo. São Paulo: Confraria do Livro, 1988.

MOORE, Carlos. **A África que incomoda**: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

MUNANGA, Kabengele. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. São Paulo, **Revista de Antropologia**, Nº. 23, 1990, p. 109-117.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra e o amor**. Jornal Maioria Falante. Nº. 17, Fev – março, 1990, p. 3.

_____. **Textos e narração de Ori.** Transcrição (mimeo), 1989.

_____. **Culturalismo e contracultura.** In: Cadernos de Formação sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira. Niterói, ICHF-UFF, 1976a, p. 02-06.

_____. **A mulher negra no mercado de trabalho.** Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1976 (b).

_____. **Negro e racismo.** Revista de Cultura Vozes. 68 (7), 1974b, p. 65-68.

_____. **Por uma história do homem negro.** Revista de Cultura Vozes. 68(1), 1974a, p. 41-45.

OLIVEIRA, Eduardo Oliveira e. **Uma quinzena do negro.** In: ARAÚJO, Emanuel (Curadoria) Para nunca esquecer: negras memórias, memórias de negros. Brasília, Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 2001, p. 287.

_____. Etnia e compromisso intelectual. In: GTAR, **Caderno de estudos sobre a contribuição do negro na formação social brasileira.** Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia/Universidade Federal Fluminense, 1977, p. 22-28.

_____. O mulato: um obstáculo epistemológico. Revista **Argumento**. Ano I, nº. 3, janeiro, 1974, p. 65-74.

PEREIRA, Amauri Mendes. **Trajatória e perspectivas do movimento negro brasileiro.** Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

PNUD. **Atlas Racial Brasileiro.** Brasília: PNUD, 2005. (digital). Disponível em: http://www.pnud.org.br/publicacoes/atlas_racial/index.php

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Zeosório Blues** – obra poética I. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o intelectual e outros ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. **O movimento negro e o Estado (1983-1987):** o caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra no Governo de São Paulo. São Paulo: CONE/Prefeitura da Cidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Joel Rufino. **Assim foi (se me parece).** Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SANTOS, Milton. O intelectual negro no Brasil. **Ethnos** Nº 1 (1), 2002a, p. 7-10.

_____. Ser negro no Brasil hoje. In: SANTOS, Milton. **O País distorcido.** São Paulo: Publifolha, 2002b.

_____. O intelectual anônimo. Brasília: **Correio Braziliense**, 03 de junho de 2001.

_____. As exclusões da globalização: pobres e negros. In: FERREIRA, Antônio Mário "Toninho" (Org.). **Na própria pele:** os negros no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CORAG/Secretaria de Estado da Cultura, 2000, p. 09-20.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues. "Black Soul": aglutinação espontânea ou identidade étnica – Uma contribuição ao estudo das manifestações culturais no meio negro. **Ciências Sociais Hoje**, 2. ANPOCS, 1983, p. 245-262.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. **Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez (1970 – 1990)**. Rio de Janeiro: IFCS, UFRJ, 2006.

WEST, Cornel. **Questão de Raça**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.